

O Progresso Catholico

RELIGIÃO E SCIENCIA—LITTERATURA E ARTES

Condições da assignatura—Sem brinde: Por anno, Portugal e Hespanha, 800 reis; India, China e America, 1\$200 reis. Com brinde: Portugal e Hespanha, 1\$000 reis. Numero avulso, 100 reis.

Administrador e editor: José Fructuoso da Fonseca—Redacção, administração e officinas typographicas, Picaria, 74—Publicações, preços convencionaes.



D. ANTONIO BARROSO

BISPO DO PORTO

SUMMARIO

Texto

D. Antonio Barroso, Bispo do Porto.
Chronica quinzenal, por P.
Secção piedosa: Indica tor religioso; Evange-
lho; Apostolado da oração; A Caridade, por
M. M.
Estudos: Como se educam filhos felizes, por
M. X.
Litteratura: Nossa Senhora do Amparo, por
José Moreira de Moraes Sarmiento.
Secção social-christã: O patriotismo dos ope-
rarios, por Pius.

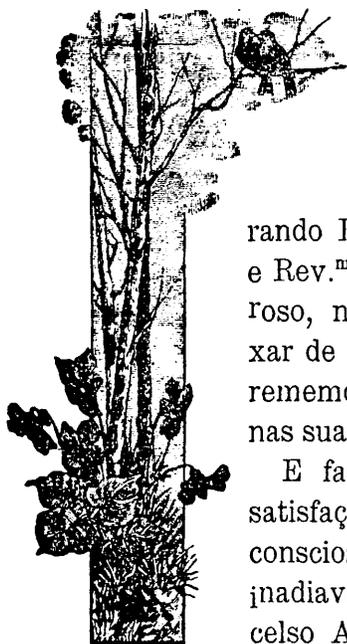
Secção poetica: A morte, poesia, por Alves
d'Almeida,
Boletim scientifico: O radium, pelo Dr. ***
Retrospecto da Quinzena.
Bibliographia.
Neerologia.

Gravuras

D. Antonio Barroso, Bispo do Porto.
A Caridade, estatua de Teixeira Lopes.
S. Vicente de Paulo convertendo os forçados
das galés.

D. Antonio Barroso

BISPO DO PORTO



PASSANDO no proximo dia 5 do corrente o anniversario natalicio do venerando Bispo do Porto, o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Senhor D. Antonio Barroso, não pôde esta revista deixar de festejar essa fausta data, rememorando-a mais uma vez nas suas columnas.

E fazemol-o com a maxima satisfação a inundar-nos a alma, conscios de que cumprimos um inadiavel dever, prestando ao excelso Antistite da nossa diocese

a homenagem que lhe é devida pelas suas peregrinas virtudes christãs, e que nós, os seus subditos, estamos de ha muito acostumados a admirar.

Figura prestigiosa do Episcopado portuguez, verdadeiro apostolo na mais larga accepção da palavra, o nosso venerando Prelado impõe-se d'uma maneira poderosissima á admiração de todos.

E como não havia de ser assim, se é o ideal christão que forma os S. Francisco Xavier, S. Vicente de Paulo e outros modelos?

A sua vida admiravel, sem a menor mancha a empannar-lhe o brilho, rutifa qual astro refulgente em céu de estrellas.

E a sua nôrma presente não desmente a passada, quando muito longe, além mar, fazia conhecido e respeitado o nome portuguez no concerto mundial.

E' por isso que S. Ex.^a Rev.^{ma} tem já na historia patria um nome sem par, quasi intangivel.

E nós que nos podemos orgulhar de tel-o por nosso Pastor, devemos tambem proval-o por todos os modos possiveis, fazendo-lhe fruir puros gozos com as nossas manifestações festivas.

Receba, pois, S. Ex.^a Rev.^{ma} as nossas sinceras e cordeaes saudações, juntamente com o nosso preito incondicional de obediencia, e praza a Deus que as possamos repetir *ad multos annos*.



Chronica Quinzenal

O Storthing noruegues e o Riksdag sueco ratificaram definitivamente a obra dos negociadores de Carlstad. Esta ratificação não offerecia duvida, e quando foi assignado o protocolo de 24 de setembro, desde logo se podia considerar regulada a questão.

A união sueco-norueguesa, creada depois da guerra, desfaz-se sem guerra e amigavelmente. Foi lhes mais facil dissolver os laços que os uniam do que encontrar, durante cem annos, o meio de tornar toleravel a sua união. Se tivessem mostrado, no decorrer dos successivos litigios que os dividiram, tanta prudencia e moderação como tiveram no regular a liquidação da sua união, podiam ainda gosar dias felizes. Mas o espirito de conciliação em vez de preceder e de conjurar a ruptura, parece que nasceu d'essa mesma ruptura. Mais vale tarde que nunca.

Os suecos e os noruegueses experimentarão respectivamente uma grande satisfação em encontrar na nova ordem de coisas o apaziguamento das suas seculares questões; mas convém que uns e outros não esqueçam quanto lhes custa este apaziguamento. Desunidos, serão amigos; mas desunidos, ficarão enfraquecidos, e esta fraqueza imporá aos dois longos annos de recolhimento. O reino da Suecia e da Noruega não constituia um poder de primeira ordem; mas os reinos separados serão pequenos Estados que, mesmo escapando ao perigo ruinoso d'uma lucta fratricida, soffrerão os efeitos da sua dissociação. E' diffi- ci precisar qual o futuro que lhes reservam os actuaes problemas. O que é certo é que a sua massa, e portanto a sua capacidade de resistencia, diminuiram metade. N'estas condições, a reserva será para ambos o começo da sabedoria.

A amargura e a tristeza nas declarações do rei Oscar prova que a Suecia a custo se resignou a acceitar uma solução que ella provavelmente podia impedir por meio da força. E', pois, justo prestar homenagem á prudente abnegação que lhe permittiu conter uma irritação natural e preferir aos riscos de uma guerra a segurança d'um regime de paz.

Se a Suecia póde hoje considerar a questão regulada, a Noruega ainda tem graves decisões a tomar. Está livre, mas ainda não decidiu qual o uso que fará da sua liberdade. O sr. Michelsen dizia-o ha dias ao abrir a sessão do Storthing: «A tarefa principal que se impõe á assembleia actual é a fundação e a consolidação d'uma nova Noruega.»

Considera-se que o principe Carlos da Dinamarca tem grandes probabilidades de ser escolhido para imperante. Parece com effeito, que a offerta que se fez a um principe sueco não foi renovada. E como o poderia ser depois do rei ter declarado que não acceitava nenhuma proposta d'este genelro? Por outra parte, hesita-se em adoptar a forma republicana. A Noruega, democratica de costumes, acaba de ser consultada sobre os seus destinos e n'esta consulta viu-se o indicio d'uma evolução para a republica.

Crê-se, porém, que a monarchia será preferida.

E' perigoso prolongar, perante o mundo attento, este periodo d'incerteza. Seria uma lamentavel nota para um povo, que foi tão energico na ruptura, ficar hesitante no momento em que, segundo o sr. Michelsen, é necessario «construir e consolidar.»

P.



Secção piedosa

Indicador religioso da quinzena

Novembro

- 1—Quart. (Dia santo) Festa de todos os Santos.
- 2—Quint. Commemoração dos Fieis Defuntos.
- 3—Sext. (Abst. de carne) S. Malaquias, B.
- 4—Sab. S. Carlos Borromeu, Arc.
- 5—Dom. S. Zacharias e S. Isabel, paes de S. João Baptista.
- 6—Seg. S. Severo, B. M.
- 7—Terç. S. Florencio, B.
- 8—Quart. S. Severiano e seus Comp. Mm.
- 9—Quint. Dedicção da Basilica do Salvador em Roma.
- 10—Sext. (Abst. de carne) S. André Avelino.
- 11—Sab. S. Martinho, B. (Jejum).
- 12—Dom. Patrocínio de N. Senhora.
- 13—Seg. S. Eugenio, B. de Toledo.
- 14—Terç. Trasladação de S. Paulo 1.º Eremita.

Evangelho

(22.º Domingo depois do Pentecostes)

N'aquelle tempo, retirando-se os Phariseus, consultaram entre si como surprehenderiam a Jesus no que fallasse, e mandaram lhe seus discipulos juntamente com os Herodianos que lhe disseram: «Mestre, nós sabemos que sois verdadeiro, e que ensinaes o caminho de Deus pela verdade, e não se vos dá de ninguem, porque não fazeis excepção de pessoas, dizei-nos, pois qual é o vosso sentimento: Será licito dar o tributo a Cesar ou não?»

Porém Jesus, conhecendo a malicia d'elles, disse-lhes: «Porque me tentaes, hypocritas? Mostrae-me cá a moeda do tributo.» E elles lhe apresentaram um dinheiro.

E Jesus lhes disse: «De quem é esta imagem e esta legenda?» Responderam-lhe elles: «De Cesar.»

Então lhes disse Jesus: «Dae, pois, a Cesar o que é de Cesar, e a Deus o que é de Deus.»

(S. Matheus, cap. XXII, 1551-)

Apostolado da oração

Intenção geral de novembro: **A obra da boa morte**

Oração quotidiana para este mez: Offereço-vos, ó meu Deus, em união com o SS. Coração de Jesus e por meio do Coração Immaculado de Maria, as orações, obras e soffrimentos d'este dia, em reparação de todas as offensas, e por todas as intenções pelas quaes o mesmo divino Coração está continuamente intercedendo e sacrificando-se em nossos altares.

Eu vol-as offereço, em modo particular, para que concedaes a todos os agonisantes a graça de boa morte.

Proposito: Preparar-se para uma santa morte e procurar para o proximo este grande bem.

A Caridade

Era n'um dia lindo e bello como são os de primavera e tinha a fazel-o realçar um tempo de rigoroso inverno de que tinha sido precedido. Tudo andava na rua como que a espriar-se n'aquelle dia de pleno abril.

Cruzavam-se carruagens conduzindo elegantes damas que ostentavam as mais vistosas, variadas e exquisitas *toilettes*, tornando-as martyres dos seus extravagantes ca-

prichos e ainda mais, transformando-as n'uns manequins andantes. Tal é o condão da moda.

Mas para onde vae toda essa massa de gente que nas ruas, carros e americanos se apinhava, avida d'um prazer a que eu chamo selvageria? A' tourada, eis aonde tudo se dirige. N'um americano, em direcção opposta á d'aquella multidão, via-se entrar uma senhora com maneiras distintas e traço elegante, mas modesto; com ella ia uma sua amiga com quem conversava.

Ambas olhavam indifferentes para tudo o que se passava, e a senhora alta e de maneiras nobres deixava traduzir no seu semblante sympathico que ia dominado d'um ideal sublime.

O americano que as conduzia já ia distante da cidade, e a senhora de que nos occupamos, disse ao conductor: «tenha a bondade de mandar parar;» saíram e seguiram por uma rua tortuosa e estreita, perguntaram ahí n'uma loja onde era a rua da Via-Sacra. A dona da loja, mulher bondosa e affavel como costumam ser as das provincias, lá as esteve a guiar e lá foram rua p'raqui, becco p'racolá, e depois de muito andarem por caminhos que só assim os ha nos arrabaldes das cidades, chegavam álfim á rua da Via-Sacra, n.º 31.

Uma cancella velha dava entrada para a triste e desconfortavel mansarda. Apareceu uma mulher muito nova, mas com as feições muito desfiguradas pelo intenso soffrer. Trazia ao collo uma creancinha loira, linda como os amores, mas triste e pallida pela falta d'alimento que a mãe lhe não podia dar.

A senhora disse-lhe: está melhor?

—Ai, minha boa senhora! soffro muito ainda, disse a enferma e proseguia:—eu bem quizera que v. ex.^a se assentasse, mas a minha casa é tão pobre!

—Não se incomode, estou muito bem; assente-se vocecê, disse a senhora.

—Então soffre muito?

—Oh! sim; e sem meios, pois que o meu marido apenas ganha 300 reis, e nem sempre tem que fazer.

—Tenha muita paciencia e confiança em Deus que Elle não a abandonará, como não esquece as avezinhas do céu. Elle é tão bom Pae que não deixa de prover ás necessidades dos seus filhos.

A senhora disse á pobre infeliz palavras de tanto conforto e com uma suavidade tal, que ella disse com a voz entrecortada de soluços: Louvado seja Deus! não contava hoje com esta visita.

—Quem é v. ex.^a e onde mora?

—Sou sua irmã em Jesus Christo; e, sem a mão esquerda ver o que fazia a direita, metteu-lhe na mão uma esmola avultada que a pobresinha beijou soffregamente.

—Nosso Senhor lhe pague tanta caridade.

—Adeus; Nosso Senhor lhe dê resignação e lhe abençoe esse anjinho. E saiu com sua amiga enquanto os anjos do céu depositavam junto do throno de Deus acção tão meritoria—a caridade tal qual Jesus a deixou no mundo. Ha no seculo, e muito se usam actualmente, palavras pomposas, espaventosas com que querem confundir a dulcissima e suavissima palavra caridade, mas o throno d'aquellas que são a philantropia, altruismo e não sei que mais, tem os seus alicerces formados nos jornaes, nas praças publicas, nos theatros, etc.; ao passo que a caridade tem-n'os no Coração de Jesus, cujo throno nem a vida nem a morte podem demolir.

Bem dita seja a caridade, fl r aromatica do paraizo, cujas petalas enxugam todos os prantos, mitigam todas as dores e dissipam todos os infortunios.

Dona M. M.



Estudos

Como se educam filhos felizes

(DO ALLEVÃO)

Ter filhos felizes é o mais ardente desejo de todos os paes.

Para este fim trabalha o pae constantemente, afadiga-se a mãe sem descanso, e, no entanto, nem todos o logram.

A causa d'este revez é muito a miude, quasi sempre, devido a uma educação mal comprehendida. Estudam os talentos, as capacidades das creanças; tratam de educar, de aperfeiçoar estes talentos, e, não obstante, estas creanças parecem seres infelizes, pouco amaveis, a quem falta a educação do coração e que por isso vivem descontentes de si mesmos.

Ser feliz é já um grande talento.

Nada póde dar ao homem a verdadeira dita, nada, nem o dinheiro nem a posição, nem a familia, se faltar o essencial, que é ser verdadeiro religioso. Por isso, a mãe christã emprega todo o seu cuidado em implantar e cuidar no coração de seus filhos a piedade, não só com palavras, com predicas, etc., mas tambem, e sobretudo com suas proprias acções, com seu exemplo.

Toda a boa mãe deve resar com seus filhos, acompanhá-los á igreja, fallar-lhes, quando começam a ter intelligencia, da formosura da nossa santa Religião, e levá-los a receber os Santos Sacramentos. Se uma mãe se tem afadigado, se tem sacrificado a fim de educar seus filhos, dando-lhes todos os conhecimentos, todas as artes possíveis para brilharem na sociedade, para caminharem aavez do mundo, para serem admirados e respeitados; porém se se descuidou em educar n'elles o espirito da verdadeira piedade e de uma profunda e arraigada religiosidade, não cumpriu a sua missão, não foi uma boa mãe, e taes filhos nunca serão verdadeiramente felizes.

Para educar creanças felizes, nos quaes o verdadeiro contentamento e a tranquillidade interior estão irmanados, devem os paes evitar tudo o que influa desfavoravelmente sobre a mente, sobre o coração dos pequeninos, e nas primeiras impressões que estes recebam deve obrar mais o exemplo que as palavras. Meninos que vejam os seus paes pela menor cousa excitados, desarrazoados, descontentes e acabrunhados, são mui raras vezes ditosos. A's vezes resultam contraproducentes por desnecessarias e inopportunas as offensas, as ameaças, as coleras, o lançar-lhes em rosto faltas commettidas antes, o castigar-os no primeiro momento de enfado, quando se deve evitar absolutamente, lembrando-se das palavras: «Não castigueis vossos filhos no meio da colera, e não sejais rigorosos para com elles.»

Os paes, sobretudo, devem ter grande cuidado de não preferir a um de seus filhos, de não offender o sentimento da equidade e da justiça.

As creanças, em geral, possuem em alto grau o sentimento da justiça, e attentar contra elle seria prejudicial para toda a vida. A confiança das creanças afugenta-se mui facilmente, e sua alma infantil enche-se de tristeza e amargura.

Aquelle que quizer educar filhos verdadeiramente felizes, deve educal-os na piedade e no temor de Deus; e com isto, habitual os:

1.º *A terem poucas necessidades.*—Para dar ás creanças esta nunca bastante apreciada virtude, é preciso negar-lhes, desde mui pequenos, alguns dos seus desejos, com doçura, porém com seriedade; sejam tambem mui adequados sua roupa e seus alimentos. E' preciso que aprendam a ver sem desejar possuir. Não são felizes os

que nasceram em alta posição, rodeados de luxo e comodidades, senão os que são modestos, sensatos e se contentam com o que têm, por pouco que seja.

2.º *A' veracidade.*—Ella faz feliz a creança, feliz e alegre, porque os remorsos impedem que uma creança tenha paz interior, tranquillidade e alegria. Nunca tenha um menino segredos para com seus paes.

Muito amiudo se celebra uma mentira de um menino; falla-se com prazer da intelligencia, da astucia dos pequeninos, e por isso a mentira desponta tão depressa e com tanta facilidade deita raizes no coração d'elles. E a mentira em palavras, obras, ou antes a hypocrisia, é a raiz de todos os males, e creanças mentirosas, pouco sinceras, nem são felizes nem o serão nunca.

3.º *A' obediencia.*—As creanças devem obedecer ás ordens, aos desejos de seus paes, sem perguntar porque: obedecer immediatamente, obedecer com a convicção de que é por seu bem o que se lhes manda; nunca devem oppôr-se nem replicar; desde pequenos devem aprender a submeter com gosto sua propria vontade á dos paes e superiores.

Este costume, adquirido desde a infancia, é o fundamento de toda a educação: uma creança que obedece sem reparo, sem replicar, será um homem que cumprirá a sua palavra e o seu dever.

Se aprendeu a submeter-se, a vida lhe será facil, e saberá submeter-se, quando venham provas e desgraças, pela vontade de Deus.

4.º *A' caridade.*—E' preciso fazer ver á creança em todo o proximo, por miseravel e pobre que seja, um irmão, uma creatura de Deus, como elle. Nunca se lhe permita dar má interpretação ás obras e palavras de seus irmãos, amigos e condiscipulos. Observemol-o em sua conducta para com os creados, e ensinamol-o a ser amavel e ainda servigal para com estes; assim aprenderá quanta satisfação ha em fazer alguma cousa com gosto para os inferiores.

N'isto é muito importante o exemplo dos paes, que devem fazer todo o possivel por que os filhos vejam n'elles pessoas perfectas, queridas e respeitadas por todos, inclusive dos creados. Uma sombra negra cae sobre o caracter e sobre o coração dos filhos que têm motivo de sobra nas palavras ou nas obras do pae ou da mãe.

5.º *A' grãidão.*—Desde muito pequenos ha de chamar-se a attenção das creanças sobre os que soffrem, que são pobres enfermos; ha de ensinar-se, não aos que mais, mas aos que são menos que elles, e aprenderão a agradecer a Deus seus favores e aos paes cada gosto que lhes dêem. Mostre-se-lhes quanto mais feliz é sua sorte, sem merito nenhum, que a de muitos outros; faça-se-lhes ver todo o bom, o formoso do que gosam diariamente. Ha de evitar-se todo o possivel para que, quando estejam contrariados, não se julguem infelizes: demonstre-se-lhes, pelo contrario, quantos bens disfructam ainda, pelos quaes devem gratidão a Deus e a seus paes.

6.º *A' applicação e actividade.*—Para a felicidade das creanças é necessario acostumar-as a estar occupadas sempre; que trabalhem ou que brinquem, porém que brinquem e trabalhem sem demasiado zelo, tranquillamente, sem exaltação, sem inquietação. Precisamente durante os annos da infancia se necessita repartir-lhes o tempo para o trabalho, passeio, folga e somno com muita exactidão, afim de que corpo e alma se desafoguem ao mesmo tempo.

A applicação consegue-se com amavel e carinhoso estimulo, tomando parte, a mãe como os mestres em seus trabalhos, em seus recreios: na verdade, deve-se accostumar os a que vejam em seus jogos a continuação do trabalho.

Para dar ás creanças gosos nobres deve-se despertar

n'ellas o gosto por tudo o que é formoso. Desle os dois annos pode-se chamar a sua attenção para uma flor bonita, para as estrellas, para a lua, e guiar a sua admiração para a fonte de tudo o que é formoso e grande, para Deus. Quando sejam um pouco maiores, pode-se contar-lhes e ler-lhes contos, e sobretudo contar-lhes pouco a pouco a Historia Sagrada, as magnificas manifestações do poder de Deus no Antigo e Novo Testamento. As pessoas que tem visto o interesse com que as creanças escutam estas relações comprehenderão as palavras de Jesus Christo: «Deixae que os pequeninos venham a Mim.»

Emfim ensinae ás creanças a cortezia, modestia e bons modos que augmentam a dita e fazem mais plano, mais facil o espinhoso caminho da vida. Tão depressa como possam devem saber saudar, pedir o que desejam com cortezia e modestia, e agradecer pelo menor serviço.

Sobretudo, necessitam as creaturas de carinho; esse carinho que se lhes manifesta na maneira de fallar-lhes, olhal-os e tratal-os. Uma meninice feliz serve de consolação em todas as amarguras e penas da vida. Naturalmente, os paes querem educar filhos felizes; necessitam elles mesmos d'uma piedade verdadeira. Porque as pessoas verdadeiramente educadas levam comsigo em seu interior a fonte da felicidade, e por muitas desgraças que Deus lhes envie, essa fonte jámais se estancará.

M. X.



Litteratura

Nossa Senhora do Amparo

UM MILAGRE

(Ao meu particular amigo rev.
Padre Albano)

Passa-se esta historia n'um formosissimo logar d'uma das freguezias ruraes do nosso poetico Minho, entre a remota cidade de Braga e a pittoresca Villa Verde.

E' linda a paysagem! Apenas, aqui e alli, meia duzia de casitas alvacentas na encosta d'um pequeno monte; em baixo um valle frondoso onde corre um pequeno ribeiro d'agua crystallina, cujo murmurio se assimilha a um queixume de creança.

Subemos. No cume da pequena montanha desenvolve-se um povoado mais importante: é outro logar que faz parte da mesma freguezia. D'aqui a vista espraia-se infinita e deliciosamente divisando-se um panorama exclusivo onde o Auctor da Natureza pôz toda a sua mysteriosa Sabedoria: extensissimas campinas, verdejantes valles, pinheiraes, campos bem cuidados, emfim, um verdadeiro Paraizo onde o *touriste* se quieta em extasis n'uma dulcissima e sonhadora contemplação!

E' d'aqui tambem que se lobrica, a breve trecho, a igreja matriz, um magnifico e magestoso templo, de uma só nave e d'uma só torre, antiquissimo, pezando sobre elle a *bagatella* de tres seculos, mas muito bem conservado.

Venera-se n'esta igreja a imagem de Nossa Senhora do Amparo de muita devoção dos povos d'aquellas cercanias. O parochio, de ha muitos annos, é um venerando pastor, octagenario, coberto de virtudes e respeitadissimo pelo seu rebanho. O povo olha-o como a um pae extremo, e elle, o santo varão, corresponde-lhe com toda a sua alma como a um filho dilecto.

Estamos na manhã d'um dos domingos do mez d'agosto, que despontou sorridente: céo sem nuvens e fresca brisa



A CARIDADE

Estatua de TEIXEIRA LOPES.



S. VICENTE DE PAULO CONVERTENDO OS FORÇADOS DAS GALÉS

ameinando a cálida temperatura... Desçamos. Voltemos á encosta e entremos na primeira modesta moradia que nos fica á direita olhando o nascente.

Basta um simples relancear d'olhos e tudo se explica: muita miseria e muito asseio. Apenas tres compartimentos: uma sala e quatro sobrados e uma cosinha terrea. Fôra uma pequena horta muito cuidada.

Na saleta duas arcas, uma meza de pinho e tres cadeiras já decrepitas. No quarto dois leitos antigos, de madeira. Uma cortina de retalhos de chita occulta, quando se quer, o dormitorio.

Residem n'aquella casa tres mulheres: uma velhinha de 70 annos de nome Maria, sua nora Margarida, de cerca de 40 annos, e uma filha d'esta, formosa e honesta rapariga de 20 annos chamada Rosalina.

Manuel Antonio, pae de Rosalina, ha tres annos que havia partido para as Terras de Santa Cruz em busca de fortuna.

Extremoso filho, esposo e pae, sempre cuidava de mandar á familia uma pequena mensalidade das suas parcas economias, porque Manuel Antonio não fôra feliz na sua ida para o Brazil.

Havia mezas, porém, que não escrevia depois de ter participado n'uma carta que entrára ao serviço de um rev. padre, já velho, que residia no interior, e que levava a sua existencia a praticar o bem, já com phrases de conforto para mitigar a dôr dos que soffriam, já dividindo os seus rendimentos pelos indigentes.

Foi de então para cá que a miseria entrou n'aquella casa já de si pobre, pebrissima.

.....
—Mãe Santissima! dizia a septegenaria com o rosto enrugado, apoiado ás descarnadas mães, e lagrimas successivas cahindo sobre o regaço—é a lembrança de que vou ser privada de tornar a ver a minha netinha me horrorisa.

—Resigne-se, mãesinha, peço-lhe, disse com lagrimas mal contidas a mãe de Rosalina, que de pé, em frente da sogra, braços cruzados, mal podia occultar a sua dôr. Nossa Senhora do Amparo velará por ella e por nós. Também enorme é o meu soffrimento. Basta a incerteza do destino do meu Manoel Antonio, seu filho e apezar d'isso eu confio na Virgem.

—Sim, tens razão! debes igualmente soffrer muito; mas que queres? São coisas da velhice. A minha idade... E Rosalina?

—Levantou-se ás 5 horas da manhã e foi pelos *logares* despedir-se das suas amigas da infancia...

—E a partida sempre é hoje?

—E'. Ficou de ir no comboio das 2 horas para estar no Porto ás 4 da tarde.

—Nossa Senhora do Amparo a acompanhe. Dizem que o Porto é a terra dos *pedreiros livres*, gente impia, má...

—Não é tanto assim, mãesinha; ha de tudo: bom e mau... A familia que Rosalina vae servir, além de rica, é muito temente a Deus. Tem capella, sacerdote e ouve missa todos os dias. Além d'isso, como ella foi muito recommendada pelo sr. administrador do conselho, as senhoras ficaram de a tomar sob a sua protecção.

—Ainda bem, ainda bem, mas a idéa de que a não tornarei mais a ver...

—Ha de ver, avósinha, disse uma voz louçã do limiar da porta, Nossa Senhora do Amparo assim o permitirá...

Era Rosalina que, entrando, foi abraçar-se na velhinha, occultando, o mais possivel, as lagrimas de uma magua intensissima.

—E então, Rosalina, sentes-te com forças?

—Que remedio... Assim é preciso... Mas a certeza de que vou ganhar para ajuda da alimentaçã da avósinha

e da minha querida mãe dá-me coragem para arrostar com todos os perigos e sinto até immensa alegria. Além de que, com o caminho de ferro, o Porto não é longe. Dizem que em tres horas se está lá. Olhe, uma hora a pé d'aqui a Braga e duas horas de comboio... Mas está a tocar para a missa das oito e eu não desejo partir sem a ouvir e pedir a Nossa Senhora do Amparo que vele pela avósinha, pela minha querida mãe e que em breve cheguem noticias de meu pae, que tão meu amigo era. Ao mesmo tempo despeço-me do sr. prior. Tem-nos feito tanto bem...

—Pois vamos todas—disse a avó com os olhos marejados de lagrimas—e que a Virgem do Amparo nos ouça...

Sairam. A igreja ficava a um quarto de hora de caminho. Pelo trajecto ranchos de raparigas, com os seus trajas caracteristicos, iam saudando:

—Adeus, Rosalina! Sempre vaes hoje?

—Vou, vou...

—Pois que Nossa Senhora do Amparo te acompanhe.

—Obrigada, obrigada—respondida a rapariga muito commovida.

Chegaram. O templo estava repleto de fieis, na sua maioria homens e mulheres do campo.

O venerando sacerdote chegava ao altar.

As tres pobres mulheres ajoelharam e ouviram o Santo Sacrificio da missa com um fervoroso recolhimento.

Finda a cerimonia religiosa, voltaram-se para o altar da Virgem e ali se quedaram n'uma supplica, toda victa, á Mãe de Deus.

Ergueram-se, por fim, como que alliviadas de um grande peso. Nos seus rostos transparecia a resignaçã e a esperança.

Rosalina, acompanhada de sua mãe e avó, dirigiu-se á sacristia a despedir-se do santo varão. Este, depois de uns conselhos puramente paternaes, abençoou-a. As mulheres retiraram; ao chegarem, porém, junto do adro da igreja, ouviram exclamações de alegria de homens e mulheres:

—E' elle! E' elle! E' o Manuel Antonio!

Ao ser pronunciado este nome, as mulheres precipitaram-se para junto do grupo, e, depois de um momento de hesitaçã, um homem ainda novo e bem trajado cahia nos braços da velhinha, exclamando:

—Oh minha querida mãe!!!

—Filho! Meu amor!

Largando a mãe, lançou-se em seguida nos braços da esposa e filha:

—Minha extremosa mulher! Minha adorada filha!

Commovedora a scena! Formoso quadro digno do pincel d'um grande artista!

Tudo chorava, mas eram lagrimas de satisfaçã, d'uma alegria intensissima que o leitor facilmente calculará.

O recém-chegado era, de facto, o pae de Rosalina que, mesmo alli, explicou, rodeado de dezenas de amigos e conhecidos:

—«Sim, sou eu, adorada mulher; não te escrevi porque desejava fazer-te uma agradavel surpresa. O bom padre, que eu servia, tomou por mim uma sincera affeição.

«Tinha-lhe narrado toda a minha vida, o que elle escutára com lagrimas nos olhos. Infelizmente, o bom sacerdote falleceu, mas, nos seus ultimos momentos, não me esqueceu. Mandou-me chamar depois de fazer as suas disposições testamentarias e disse-me:

«—Nomeio-te meu testamenteiro, porque sei que és homem honrado, e depois de cumprires a minha ultima vontade, regressa ao seio dos teus e sê feliz. Eu te abençô.»

«O meu generoso protector pouco depois entregava a alma a Deus.

«Aberto o testamento, viu-se que o bondoso sacerdote me contemplava com o remanescente da sua fortuna. Cum-

pri á risca os legados por elle deixados e, liquidado o que me pertencia, parti immediatamente para o nosso paiz.

«Ao chegar á nossa aldeia, ha cerca d'uma hora, logo me reconheceram e, perguntando por vocês, de tudo me informaram e disseram-me que estavam na igreja.

«E agora, minha filha, já te não separas da tua avózinha e de teus paes!»

A este tempo o padre havia assomado á porta da igreja. Manuel Antonio, ao vê-lo, correu para elle e beijou-lhe a mão:

—Meu bom padre!

—Manuel Antonio, disse o venerando pastor, de tudo sei, mas vem commigo.

E levou-o para o interior do templo, seguido de todos os fieis.

Ao chegar ao altar da Virgem, disse-lhe simplesmente:

—Toda a tua felicidade a deves a Nossa Senhora do Amparo.

—Sim, meu filho, confirmou a velhinha, foi Ella, a Virgem do Amparo, quem operou o milagre!...

E todos ao mesmo tempo, como que tocados por uma mola occulta, cahiram silenciosamente de joelhos diante do altar da Virgem.

Lisboa, 30 de outubro

JOSÉ MOREIRA DE MORAES SARMENTO.



Secção social-christã

O patriotismo dos operarios

Depois de haver intentado arrancar das almas francezas o sentimento religioso, e provocado uma perseguição infame que representa muitos seculos de retrocesso, os revolucionarios francezes emprehenderam na contra cutro sentimento nobilissimo, fundamento da ordem social, o sentimento da patria. E' natural: os homens irreligiosos não pôdem ser patriotas.

Para esse labor impio de arrebatat aos homens o amor á patria-mãe, as seitas que hoje tyrannisam a França valem-se dos elementos socialistas. Um de seus periodicos, *Mouvement Socialiste*, iniciara em suas columnas uma informacão com o fim de averiguar o que os syndicatos e as federações operarias de caracter revolucionario opinam no que se refere ao sentimento da patria. As respostas d'aquelles organismos não peccam, certamente, por ambiguidade, e terão regozijado muito os inimigos da França. Com effeito: os operarios revolucionarios pensam que o amor á patria é uma antiquilha que é preciso a todo o transe destruir, por não ser outra cousa mais que um symptema da exploração burgueza.

«Os operarios não pôdem ter patria» dizem uns; «o patriotismo é uma força abominavel», ajuntam outros; e outro, mais pratico sem duvida, afirma que «na sociedade baseada no systema capitalista, os trabalhadores não pôdem conhecer outras fronteiras que as que os separam dos que os exploram, oprimem e mandam.» (1)

Consequencia d'estas premissas, que se repetem em todas as informacões, é o conselho que dá M. Lenoir, secretario da Federaçao dos syndicatos de operarios, a saber: «Em caso de guerra, todo o trabalhador consciente, se é verdadeiramente interclassista, e sempre sem preoccupar-se com os preliminares d'esta guerra, deve recusar o

seu concurso a um crime tão horrendo. Ha que preconisar a greve geral militar.»

E, rematando, outro publicista revolucionario, Ivetot, a juncta: «Se os burguezes quizerem declarar uma guerra, devem os operarios aproveitar a occasião para declarar tambem a sua, primeiro por meio da insurreição, depois pela greve geral, e, finalmente, pela revolução social.»

Como se vê, os revolucionarios francezes, que declaram que a guerra é um crime abominavel, não vacilam em recommendal-a como tactica contra os que não pensam como elles. Porém, prescindindo d'esta apparente contradicção, vê-se a logica illação das doutrinas revolucionarias, que terminam inevitavelmente na anarchia, isto é, na barbaria e no selvagismo.

Sem Deus, sem familia e sem propriedade, não pôde haver patria, porque não haverá vinculo algum respeitavel que una os homens para garantia dos direitos e obrigações communs; e sem Deus, sem familia, sem propriedade e sem patria, os seres racionais, unicamente pelo egoismo, viverão em um estado de guerra permanente, luctando por arrebatarem uns aos outros os bens que a terra-mãe produz.

Na ordem politica, os revolucionarios trabalham para seu proprio damno, pois não é preciso ser muito prespicaz para comprehender que com a revolução social viria inevitavelmente a guerra civil, a invasão estrangeira e a dictadura.

Ninguem tanto como as classes pobres necessitam da protecção da patria. Voltar-se contra ella e pretender nada menos que destruil-a é uma verdadeira insensatez; estas doutrinas entre os operarios ignorantes e facilmente impressionaveis, é uma infamia nova, reservada aos *meneurs* das multidões inconscientes.

Pius.



Secção poetica

A morte

Perante a gloria a que Jezus convida
O justo, o crente, o virtuoso, o forte,
Não ha razão para temer-se a morte,
Porque só ella nos conduz á vida;

A' vida eterna lá nos céus fruida
Ao pé de Deus, d'esse poder immenso
Que o turbilhão dos mundos tem suspenso,
E não despenha... a multidão descrida!

Todo o que sabe solettrar na altura
D'um Deus o nome em toda a parte escripto
Verá que a morte é transição bemvinda.

Cá d'esta vida, que um momento dura,
Para a eterna que divosa fito
Lá entre os Anjos... d'uma paz infinda!

ALVES D'ALMEIDA.



(1) *Mouvement Socialiste*, numero de Agosto.

Boletim scientifico

O radium

A recente communicacão do illustrado professor do lyceu do Porto, rev.^{mo} P.^o Miguel Rodrigues de Jesus, declarando ter descoberto, na povoação de Santa Cruz, proximo de Vinhaes, substancias radio-activas, veio pôr em foco de novo esse celebre corpo que tenta revolucionar a sciencia: o radium.

Não vamos fazer a historia do celebre minerio, mas sim, em rapido relance, enumerar as suas maravilhosas propriedades; e, para isso, servir-nos-hemos d'um escripto de Mariotte, competentissimo no assumpto:

«Os saes de radio são expontaneamente luminosos; impressionam as chapas photographicas atravez de qualquer corpo, pois não ha corpos opacos para os raios do radio. Apenas a impressão sobre as chapas é mais ou menos rapida, conforme o meio atravessado. A todos as temperaturas a radiação do radio permanece invariavel, sendo-lhe indifferente estar n'um meio em que a temperatura seja a da ebulição do hydrogenio, 252 graus abaixo de zero, ou a da ebulição da agua, 100 graus acima de zero.

Os raios do radio tornam bons conductores todos os corpos chamados isoladores da electricidade, como ar gazo, ar liquido, petroleo, benzina, etc, e atravessam em linha recta os espelhos e os prismas sem se reflectirem nem se refractarem. N'um gabinete onde haja saes radi-feros é pois impossivel isolar electricamente um aparelho.

Os raios d'um dos tres feixes em que se pôlem dividir os raios pela acção d'um iman, caminham com a velocidade de 300.000 kilometros por segundo!

O radio é uma origem perpetua, indefinida e expontanea de electricidade e calor. Um tubo de vidro fechado, contendo saes de radio, carrega-se de electricidade como uma garrafa de Leyde. Ferindo o tubo com uma lima, a mesma parte, produz-se uma faísca e o operador recebe um choque. Um thermometro isolado justaposto a um tubo de radio accusará invariavelmente uma temperatura 3 ou 4 graus superior á do meio ambiente.

Mas — mais extraordinario ainda! — o radio communica momentaneamente as suas propriedades a todos os corpos encerrados com elle dentro do mesmo recipiente. E' o que se chama *radio-actividade induzida*.

Esta radio-actividade induzida é devida a uma verdadeira emanacão material hoje denominada *exradio* e que tem as propriedades dos gazes. Esta emanacão ou exradio diminui, depois de produzida, gradualmente, dando origem ao helium.

Parece, pois, estarmos em presenca d'uma verdadeira transmutação de corpos: o radio transformado em exradio e este em helio. O radio parece querer rehabilitar os antigos alchimistas.

Mas ainda não é tudo. O radio tem tambem uma acção physiologica. Fechados os olhos e approximada da palpebra uma caixa que contenha radio, sente-se uma viva sensação de luz devida á phosphorescencia dos meios oculares. A mesma caixa collocada sobre a pelle durante algumas horas faz nascer uma chaga que só cicatriza no fim de alguns mezes de tratamento. E' esta acção que tem sido ultimamente utilizada para o tratamento do lupus e do cancro.

Projectados sobre os centros nervosos, os raios do radio provocam a paralyisia e a morte.

Que energia immensa, pois, não se encerra n'uma insignificante parcella do radio? Só sob a forma calorifica, o radio emite um numero de calorias sufficiente para elevar

o seu proprio peso a 34 kilometros de altura, no espaço de uma hora! Juntemos a esta a energia electrica e a radiação que d'elle se desprende com a velocidade de centenas de kilometros por segundo, e reconheceremos que o radio é o enigma mais assombroso da sciencia em todos os tempos.

Tomás na mão uma particula de radio do peso d'um gramma e vós tereis a certeza de que sustentaes uma potencia de muitos milhares de cavallos-vapor. E'-nos isto impossivel, porque a somma a dispender — nada menos de 27 contos custaria um gramma de sal de radio puro — reduziria a vossa modesta fortuna a uma quantidade negativa!

DR. * * *



Retrospecto da Quinzena

Não temos dito nada ácerca d'uma singular campanha, levantada em França por um Padre, n'uma gazeta anti-clerical, contra Mgr. Schoepfer, Bispo de Tarbes.

Accusava se o Bispo de ter *emparedado* sem motivo uma familia inteira. Tratava-se d'uma casa situada na montanha do Calvario, em Lourdes, e parcialmente encravada no territorio episcopal.

Effectivamente Mgr. Schoepfer tinha tomado, afim de proteger os terrenos da peregrinação — e os tribunaes reconheceram o seu direito — medidas que prejudicavam os habitantes d'aquella casa. Mas ao mesmo tempo havia negociado a compra d'um terreno, igualmente contiguo á casa em questão, para abrir ahi uma passagem, aos *emparedados*. Se estas negociações não deram bom resultado, a culpa não é do Prelado.

Em todo o caso, tendo reconhecido que esta acquisição se tornava impossivel, o Bispo de Tarbes mudou de parecer. Por um accordo com o *maire* de Lourdes, pôde estabelecer uma protecção efficaz nos terrenos da peregrinação e, por conseguinte, supprimir as precauções legitimas que tinha antes tomado.

O caso está, pois, resolvido.

Esta soluçáo ter se-ia dado sem o lamentavel esdandalo d'uma campanha perfida e malevola n'uma folha hostile á Egreja, com a collaboraçáo inesperada d'um ecclesiastico.

Realisou-se ha dias, na collina de Hoekelberg, em Bruxellas, a collocáo, na presenca, do rei da Belgica, da primeira pedra da basilica consagrada ao Sagrado Coraçáo. O rei Leopoldo concorreu com cem mil francos para a primeira lista de subscriçáo.

A cerimonia realisou-se no meio d'um grande concurso de peregrinos, sob a presidencia do Em.^{mo} Cardeal Primaz da Belgica.

O rei foi recebido pelo sr. conde John d'Oultremont, pelo sr. tenente Bingé e pelo sr. duque d'Arenberg, presidente da commissáo promotora. Este ultimo agradeceu ao rei por ter correspondido aos sentimentos religiosos do seu povo, favorecendo a erecção d'esta basilica, que será um dos mais bellos monumentos da Belgica.

Depois d'algumas palavras d'agradecimento, o rei tomou logar sob um docel. Ao seu lado sentaram-se o sr. Nuncio na Belgica e outros cavalheiros de representaçáo.

N'uma eloquente allocuçáo, o Em.^{mo} Cardeal Primaz da Belgica lembrou as manifestações patrioticas que marcaram este anno jubilar.

«A bençáo e a collocáo da primeira pedra da basilica do Sagrado Coraçáo de Jesus, — disse Sua Eminencia — ser-

virá de digna coroação ás nossas festas nacionaes. Apparecerá a todos como um pacto renovado entre a religião e os catholicos belgas.»

Sua Eminencia continuou:

«O inspirador d'este desígnio foi o reconhecimento. Lançando um olhar sobre este longo passado todo cheio de beneficios do ceu, a Belgica sente-se profundamente commovida. Sahido do coração soberano, o pensamento d'eleva uma egreja votiva ao Sagrado Coração de Jesus nas alturas de Bruxellas encontrou por toda a parte uma generosa e pressurosa adhesão. A empreza correspondia a uma secreta necessidade das almas christãs: apenas appareceu a sua ideia em publico, tornou-se nacional.»

Em seguida foi lido um Breve de Sua Santidade Pio X, felicitando os Bispos da Belgica pelo concurso que prestaram á erecção da basilica e offerecendo um magnifico calix d'altar destinado ao futuro templo do Sagrado Coração.

Sua Eminencia benzeu a primeira pedra.

Terminada a cerimonia religiosa, o sr. conde de Bergeyck dirigiu um discurso d'agradecimento ao rei.

O rev. Padre D. Bernardo Maréchaux foi eleito abade e procurador geral dos Benedictinos Olivetanos, que tem o seu mosteiro em Santa Francisca Romana. O novo abade é um sacerdote piedosissimo, conhecido no mundo litterario por algumas obras de merito e numerosos artigos publicados em varias revistas.

Ha annos que as grandes ordens religiosas estão elegendo para superiores individuos de diversas nacionalidades. Assim o primaz dos Benedictinos é belga e belgas são egualmente o geral dos Premonstratenses e o dos Cistercienses da commum observancia; francezes são os geraes dos Dominicicos e dos Servitas; alemães os geraes dos Franciscanos e dos Capuchinhos; hespanhol o dos Jesuitas, etc.

O elemento italiano tende a diminuir com o consentimento dos eleitores d'esta nação, o que não deixa de ser altamente significativo.



Bibliographia

Relances da Palestina (Notas de Viagem) por Mattos Ferreira.

Já era nosso conhecido o nome do auctor do presente livro como o d'um maisiosissimo poeta, que illustrara ha annos esta nossa revista com as suas bellas produções.

A presente obra é uma confirmação pujante do merito litterario de Mattos Ferreira, que assim o provou brillantemente, dando á publicidade um valioso livro de prosa.

Como o seu titulo indica, Mattos Ferreira escrevera-o para archivo das impressões de viagem da sua peregrinação aos Logares Santos.

Com aquelle temperamento artistico, que caracteriza o poeta, conta nos, passo a passo, o que os seus olhos viram, o que os seus ouvidos escutaram, o que os seus pés trilharam, durante toda a sua viagem até á Palestina.

Pidemos dizer affoitamente, que quem tiver já lido essas obras primas que versaram o mesmo assumpto, lerá com summo gosto, com attenção nova as magnificas paginas que escrevera Mattos Ferreira.

É julgamos ter dito o sufficiente para que os nossos leitores procurem adquirir o livro de que tratamos, pois que assim farão como que uma viagem espirital aos logares onde Jesus viveu e morreu.

Ao seu distincto auctor os nossos agradecimentos sinceros.

Almanach de Santo Antonio, para 1906.

Recebemos a annual visita d'este almanach. Ficamos devéras surprehendido com a sua apresentação.

De feito, o *Almanach de Santo Antonio* attingiu a meta, que ainda não attingiram os outros seus congeneres portuguezes.

Pode-se applicar-lhe triumphantemente o *Nec plus ultra* dos antigos. Tudo n'eile confirma a nossa asserção: parte litteraria seletissima diaposta n'uma maneira elegante, gravuras nitidas e de palpitante actualidade, bom papel setinado e mais volumoso que os annos anteriores.

Emfim, é um almanach completissimo, que todos devem comprar pela sua utilidade incontestavel, e fim de que a sua tiragem se multiplique de anno para anno em proporções colossaes.

E d'isso são bem dignos o almanach e os seus illustres redactores, a quem ouviamos effusivos parabens.

A arte e a moral. (Collecção Sciencia e Religião) pelo P.º Sertillanges.

N'este volume, o seu erudito auctor desenvolveu as relações que existem entre a arte e a moral. Recommendamol-o, pois, a todos os admiradores da arte ou seus cultores, pois que é um soberbo livro de critica artistica, de baixo do ponto de vista catholico.

E' edição da Livraria Povoense Editora da Povo de Varzim, e custa cada volume 100 reis.

O Evangelho, explicado, defendido, meditado ou exposição exegetica, apologetica e homiletica da Vida de N. S. Jesus Christo, pelo Padre Dehaut.

Recebemos o fasciculo 18.º d'esta notabilissima obra, cuidadosamente traduzida pelo rev.º sr. padre Antonio Gomes Pereira, dig.º professor do Lyceu Central do Porto.

O presente fasciculo continúa a commentar nos desenvolvadamente o incomparavel *Sermão da Montanha*, em seus aspectos apologetico, synoptico, e pratico.

Assigna-se no escriptorio do editor Antonio Dourado, rua das Flores, 42-1.º — Porto. — Preço de cada fasciculo 100 reis.



Necrologia

Falleceu em Celorico de Basto a veneranda mãe do nosso illustre amigo e collaborador e distincto escriptor catholico, rev.º Monsenhor Manuel Marinho.

Causou dolorosa impressão a morte da veneranda senhora, não só entre os habitantes de Celorico de Basto, mas por todas as pessoas que de perto conheciam as bellas qualidades que exornavam o seu caracter diamantino, mais a pureza dos seus sentimentos e a caridade inexgotavel do seu coração.

A toda a familia enlutada, e em especial ao nosso illustre amigo, rev.º Monsenhor Manoel Marinho, enviamos a mais sincera expressão do nosso profundo pesar e aos leitores pedimos as suas orações por alma da extincta.



CONDE DE SAMODÃES

O Mez dos Finados

MEDITAÇÕES PARA TODOS OS DIAS
DO MEZ DE NOVEMBRO

Indulgenciado e approvado

PELO

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr.

CARDEAL BISPO DO PORTO

Preço, enc. 400 reis

A' venda na Typ. Catholica—Picaria, 74—PORTO

IMITAÇÃO DE CHRISTO

3.^a NOVISSIMA EDIÇÃO

Confrontada com o texto latino e ampliada com notas por

MONSENHOR MANUEL MARINHO

Approvada e indulgenciada pelo

Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. ANTONIO, Bispo do Porto

Preços:

Em percalina 300 reis
Em carneira, com folhas douradas 500 »
Em chagrín, id. m 1\$000 »

PARECER DADO PELO EX.^{mo} E REV.^{mo} SNR. DR. CONEGO COELHO DA SILVA
VIGARIO GERAL DA DIOCESE, SOBRE ESTA OBRA:

«Li attentamente esta nova edição da *Imitação de Christo*.

«O que é a *Imitação de Christo*, um dos livros mais admiráveis e não o mais admirável saído das mãos do homem, não é para aqui dizê-lo.

«Quanto á nova traducção e notas, o nome do Rev.^{mo} Padre Manuel Marinho é garantia segura de que esta obra é uma das mais perfeitas. Effectivamente a traducção foi confrontada com o texto latino, é fiel, concisa e intellegivel para todos.

«As notas, que acompanham os capitulos, são taes que algumas vezes parecem exceder o proprio texto».

Assim formulava o meu juizo em 10 d'abril de 1901. Agora nada tenho a acrescentar relativamente a esta 3.^a edição. O esgotamento de duas edições em tão pouco tempo é de per si eloquente.

Porto, 10 d'outubro de 1904.

CONEGO COELHO DA SILVA

Em vista do parecer junto approvamos esta edição da *Imitação de Christo* e concedemos **50 dias de indulgencia** pela leitura de cada capitulo.

Porto, 12 de outubro de 1904.

† ANTONIO, BISPO DO PORTO.

Vieira-Prégador—Estudo philosophico da eloquencia sagrada, segundo a vida e as obras do grande orador portuguez, pelo Padre Luiz Gonzaga do Valle Coelho Pereira Cabral, S. J. — Dous grossos volumes 2\$000

Flôres do Claustro e Arrulhos de Pomba (vida intima d'uma Andaluza Capuchinha)—Traduzida da 5.^a edição hespanhola pelo P. Manuel Marinho—Approvada pelo Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. D. Antonio, Bispo do Porto—1 vol. broch. 200

TUDO POR JESUS

OU

Caminhos faceis do amor divino

PELO

REV. PADRE FREDERICO WILLIAM FABER

SUPERIOR DO ORATORIO DE S. PHILIPPE DE NERY (DE LONDRES)

DOUTOR EM THEOLOGIA

Obra traduzida do Inglez para o francez

POR

M. DE BERNHARDT

E D'ESTA LINGUA VERTIDA PARA O PORTUGUEZ

POR

F. PRETO PACHECO

2.^a EDIÇÃO

Com approvação e recommendação do Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr.
D. Antonio, Bispo do Porto

Preço, brochade, 600 reis—Encadernado, 800 reis

O Livro de Todos—Pelo Abbade J. Berthier M. S.—Vertido do francez pelo sr. A. Peixoto do Amaral—1 vol., broch. 600

Pedidos á casa editora FONSECA—Rua da
Picaria, 74—Porto e ás principaes livrarias.

José Joaquim d'Oliveira

PARAMENTEIRO E SIRGUEIRO

103, Rua do Souto, 105—BRAGA

Premiado nas Exposições Industrial Portuense de 1887,
Industrial de Lisboa de 1888
e Universal de Paris de 1889

Fabrica de damascos de sêda e ouro, lisos e lavrados,
paramentos para egr-ja; g-lôes e franjas d'ouro fino e
falso; setim e nobrezas para opas.

Esta fabrica já foi visitada varias vezes pelas Familias Reaes
Portuguezas.